



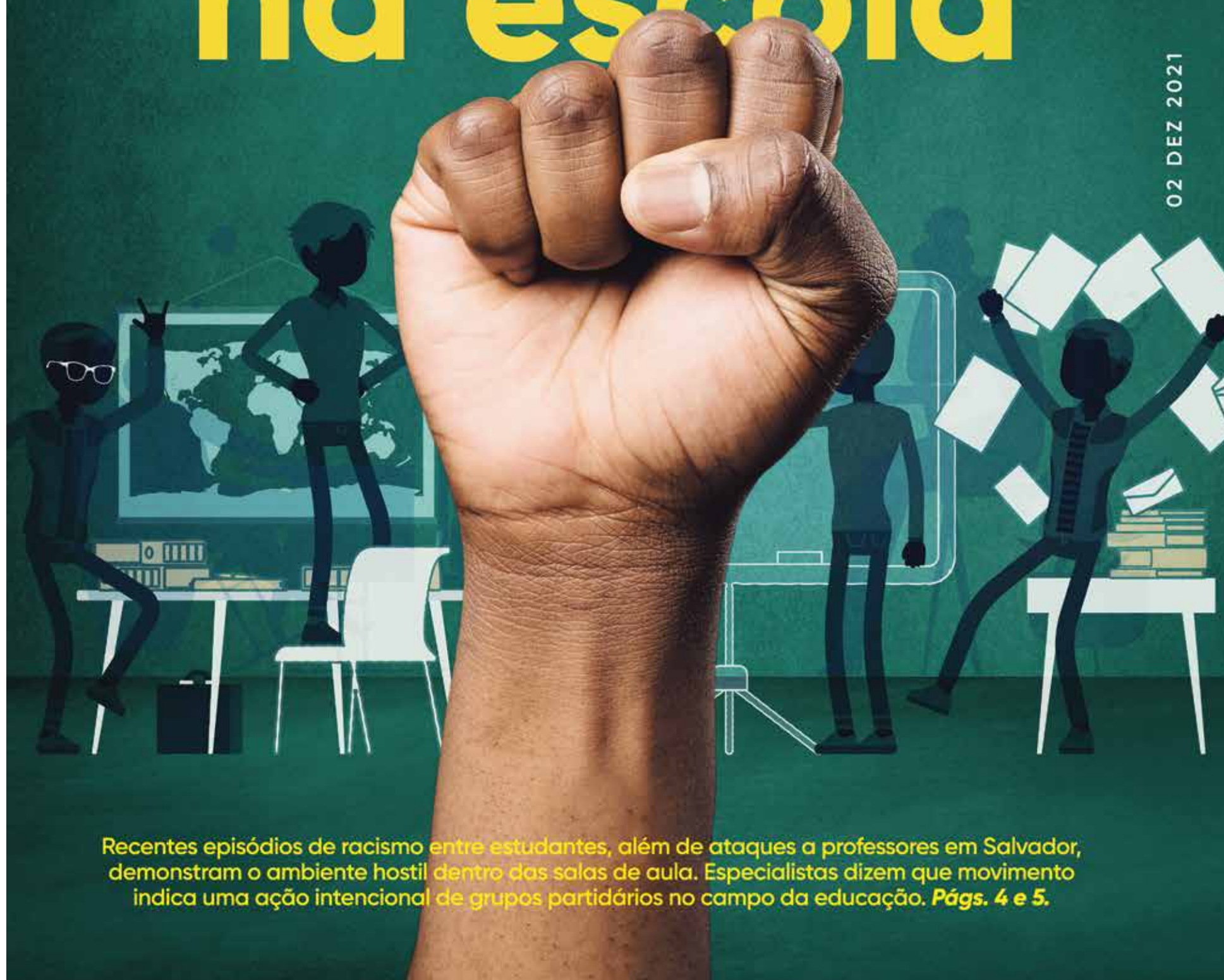
METROPOLE

SSA-BA

WWW.METRO1.COM.BR

A trincheira na escola

02 DEZ 2021



Recentes episódios de racismo entre estudantes, além de ataques a professores em Salvador, demonstram o ambiente hostil dentro das salas de aula. Especialistas dizem que movimento indica uma ação intencional de grupos partidários no campo da educação. **Págs. 4 e 5.**



Paulinho Camafeu, eternamente

James Martins

“Minha música não vai cansar nunca”, me disse Paulinho Camafeu, em entrevista, por ocasião dos 45 anos da canção “Mundo Negro”, mais conhecida como “Que bloco é esse?”, aquela que lançou o Ilê Aiyê e que já nasceu clássica. Nesta segunda-feira, aos 73 anos, o compositor morreu no Hospital do Subúrbio, vítima de um infarto que apenas deu ponto final a uma série de problemas de saúde. Seu vaticínio, porém, permanece válido, vivo, incansável. “É o mundo negro, que viemos mostrar pra você”. Nascido no bairro do Pau Miúdo, Paulo Vitor Bacelar, seu nome civil, sempre foi um sujeito original. E no Mercado Modelo, onde aprendeu a ser gente, ganhou o sobrenome do padrinho, mestre, tutor, o hoje lendário barraqueiro e tocador de berimbau Camafeu de Oxóssi. Nascia Paulinho de Camafeu, depois abreviado para Paulinho Camafeu, ele próprio marcando pra sempre seu lugar na história das movimentações afro-baianas.

Compositor formado nos blocos de índio, especialmente o Apaxes do Tororó, Paulinho tinha vocação pra ser pioneiro. Basta dizer que o Apaxes ocupa esse posto em sua categoria, o Ilê Aiyê criou os blocos afro, e, dez anos depois de lançar a música emblema da agre-

miação do Curuzu, em 1985 ele fez, com Luiz Caldas, a música que deflagrou o que hoje chamamos de movimento Axé Music: “Fricote”. Aquariano, enfatizava que não sentia saudades de nada e que gostava mesmo era de renovação. “Se agora o trio elétrico for uma espaçonave tocando aqui eu vou achar lindo. É coisa moderna, é novo, tá mudando, e muda. É 24 horas mudando tudo”. Fez música também para o Chiclete com Banana e, consagração de sua criatividade, viu diluído no imaginário popular, elevado à condição de ditado, o slogan que criou para a caminhada do Bonfim: “Quem tem fé, vai a pé”.

“Adeus para nosso querido e genial músico e compositor Paulinho Camafeu. Ele era um dos grandes do axé. Fez tantas músicas maravilhosas e importantes para nós. Paulinho deixou um legado de luta e beleza”, escreveu Daniela Mercury nas redes sociais. Ele, por sua vez, já declarou admirar a cantora porque, quando ainda havia muito preconceito com os ensaios de bloco afro, ela já os frequentava e, de lá, pinçou músicas marcantes para o seu repertório. Recolhido em sua casa, no mesmo Pau Miúdo onde nasceu, nunca deixou de produzir, mesmo enfrentando barras de saúde e

dinheiro, como a diabetes que lhe subtraiu uma perna.

A alegria de viver, porém, nada nem ninguém o tirou. Um dia bati em sua porta, de surpresa, pra apresentá-lo ao meu filho, seu fã. Vestido com uma camisa do Barcelona e um short do Real Madrid, Paulinho Camafeu ouvia reggae, serenamente, no meio da tarde. Gostou de saber que João, um sarará de sete anos, sabe de cor canções suas dos anos 1970, como “Pê de Papa”, a primeira que teve gravada. Aquela era, certamente, uma confirmação daquilo que está lá no início. “Minha música não vai cansar nunca”. Eternamente, viva Paulinho!

Compositor formado nos blocos de índio, especialmente o Apaxes do Tororó, Paulinho tinha vocação pra ser pioneiro

Publisher **Editora KSZ**
Diretor Executivo **Chico Kertész**
Editor-chefe **André Uzêda**
Projeto Gráfico **Marcelo Kertész & Paulo Braga**
Editor de Arte **Paulo Braga**

Diagramação **Dimitri Argolo Cerqueira**
Redação **Adele Robichez, Alexandre Santos, André Uzêda, Geovana Oliveira, James Martins e Tailane Muniz**
Revisão **André Uzêda e Redação**

Comercial **(71) 3505-5022**
comercial@jornaldametropole.com.br

Rua Conde Pereira Carneiro, 226Pernambúes CEP 41100-010
Salvador, BA tel.: (71) 3505-5000



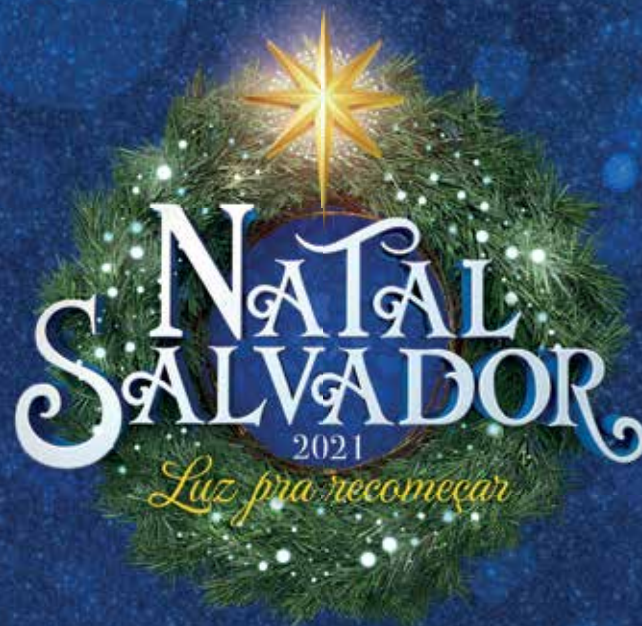
Luz pra recomeçar.

Um Natal para iluminar a nossa vida.

A Prefeitura convida você para um fim de ano com toda luz pra recomeçar. O maior Natal de rua do Brasil chega ainda mais especial esse ano com atrações imperdíveis, novo ponto de visitação na Praça da Revolução em Periperi e o maior espetáculo de luzes, arte e inclusão. Vem viver esse presente.



Agende sua visita agora pelo site ou QR Code. Praça do Campo Grande.



natal.salvador.ba.gov.br

#NatalSalvador2021



#pratodosverem Imagem vertical com fundo azul. Título "Luz pra Recomeçar", subtítulo "Um Natal para iluminar a nossa vida" e abaixo, texto da campanha com QR code, site para agendamento da visita à Praça do Campo Grande e hashtag. Marca do Natal Salvador 2021 e da Prefeitura de Salvador ao lado do texto. Abaixo, foto do Farol da Barra, com iluminação de Natal. Em primeiro plano, criança de pele branca, cabelos castanhos, sorrindo, veste roupa azul ao lado de homem, de pele branca, cabelos grisalhos, sorrindo, veste roupa amarela. Fim da imagem.

Farol da Barra

Texto **Tailane Muniz**tailane.muniz@radiometropole.com.br

A fórmula do ódio

Na mira de grupos partidários, professores têm sido constrangidos dentro de sala de aula por abordar temas que contemplem a diversidade social

A educação é um ato político e, ainda que não carregue siglas em representação de partidos, encontra oposição à máxima de que professores, muito além de treinar conteúdos, formam cidadãos para as diversidades inerentes à sociedade. A fala é do mestre em educação e doutor em ciências da comunicação pela Universidade Federal da Bahia (Ufba), Nelson Pretto, que reflete os conflitos ocorridos nas salas de aula nas últimas semanas, em Salvador.

Em novembro, foi veiculado pelo Grupo Metropole o afastamento de uma professora de história, do colégio Vitória Régia, ao abordar a premiada coletânea de contos Olhos D'água, da mineira Conceição Evaristo. Nos colégios Sartre e Portinari, estudantes fizeram manifestações racistas em grupos de WhatsApp. Na rede pública, no colégio Thales de Azevedo, uma professora foi chamada à delegacia por ensinar "conteúdos de esquerda".

Com os casos, observa Pretto, nota-





-se uma resistência à ampla formação, sobretudo dos adolescentes. “A educação não vai abrir mentes, a questão central é: ‘educar é um ato político’ e ponto”. Com 44 anos de magistério e experiência em dezenas de colégios da capital, Nelson diz que há um contexto político – neste caso, partidário – que favorece a livre manifestação de comportamentos racistas, opressores e análogos à censura que fere a liberdade de cátedra dos professores.

E, se a lei garante aos educadores a prática de uma educação sem amarras, o que explica a liberdade de pais e estudantes em interferir de maneira incisiva nos conteúdos levados à aula?

A educação irrita o governo federal, responde Pretto. Como consequência, é estabelecido um ambiente inseguro, intimidador e que limita professores. “Um absurdo, é a quebra da liberdade de cátedra. Temos que garantir a pluralidade de ideias. Mas estamos em um contexto que estimula esse comportamento racista, intolerante e misógino. Basta olhar o que aconteceu a uma mulher que, nesta sema-

na, falou mal do presidente [Jair Bolsonaro], e acabou presa”, exemplifica.

Físico por formação, Nelson cita a audácia do astrônomo italiano Galileu Galilei, que mudou o rumo da ciência e desafiou as regras da sociedade medieval, para reforçar que, no “Brasil da barbárie”, resistir é a única saída para formar professores – e alunos – com dimensões pedagógica, didática e política.

RACISMO

Procuradas, as coordenações pedagógicas dos colégios Vitória Régia, no Cabula; Sartre, no Itaigara; e Cândido Portinari, no Costa Azul, não se manifestaram. À época, todos se posicionaram em sua própria defesa, sob a justificativa de que não compactuam com comportamentos discriminatórios ou de repressão. O Portinari decidiu proibir a renovação da matrícula dos jovens envolvidos no episódio de racismo. A direção do Thales de Azevedo emitiu nota em que afirma “compromisso com a democracia”.

Ao ler a história da professora do Vitória Régia, o influencer e professor da rede pública Iago Gomes, 29 anos, usou as redes sociais para comentar o que, para ele, soou um explícito caso de racismo. Antes de entrar no mérito da discussão racial, contudo, o professor comenta que não é de agora que os educadores tornaram-se alvos de tentativas de intimidação. Ele cita o movimento Escola Sem Partido, que atua na defesa de uma agenda conservadora para a educação brasileira.

À reportagem, o professor relata comentários temerosos de colegas, durante uma reunião, quanto à abordagem de conteúdos em sala. “Há o medo, porque não são casos isolados. A gente sabe que não vai existir uma escola livre de racismo ou de censura. A questão é como a gente vai lidar com isso”, pondera. Professor de português e história há 13 anos, Iago acredita que os estudantes reproduzem, muitas vezes, o comportamento dos pais. E defende que, para muitos deles, a escola “é uma bolha”.

Em outras palavras, o educador opina que as famílias costumam internalizar a ideia de que os filhos são mais inocentes do que realmente são. “Nosso papel é o de mediar o saber, desmistificar debates, ta-

bus. São sujeitos que vão conviver em sociedade, porque a escola é um espaço de construção. A educação vai formar para o mercado de trabalho, mas principalmente para a humanidade”, diz.

PAPEL DA EDUCAÇÃO

O docente Sérgio Brito, 37, dá aulas de música há 11 anos em instituições privadas e lamenta a tentativa exitosa, diz ele, de esconder “o conteúdo sobre diversidade”. Ao reforçar a própria negritude, Sérgio conta que não força a inclusão de temas relacionados às questões raciais porque sabe: “A atitude soa como uma afronta à empresa escola particular”. Lembra que precisou tirar do repertório a música ‘Sou Faraó’, de Carlinhos Brown, e afirma não ser o único. “A gente silencia por medo de retaliação. Me posicionei publicamente sobre os últimos fatos, mas sei que posso ser demitido”, explica.

Membro da Rede de Especialistas em Política Educativa da Unesco e diretor do Centro de Inovação e Conhecimento e Excelência em Políticas Públicas (Ciepp), Jhonatan Almada alerta para o cumprimento da Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), na qual fica estabelecida não só a liberdade de ensino, como também o respeito à diversidade e o pluralismo pedagógico. “O ponto é que a escola se torna objeto de políticas e não se vê como lugar de construção de políticas, também”. E contesta o Escola Sem Partido.

“Não podemos renunciar ao nosso papel de educador da geração mais nova. Ensinar é um trabalho complexo que demanda preparo técnico, pedagógico, científico e político”, ressalta o especialista, que faz alusão ao livro ‘Pedagogia da Autonomia’, de Paulo Freire.

Dissabor da gestão Bolsonaro, o pedagogo é deleite para educadores como Sérgio Brito. “Negar Paulo Freire é negar a própria formação e, consequentemente, negar conhecimento”, diz.

Em tempo, faz dois meses que a Justiça Federal proibiu a União de “atentar contra a dignidade” de Freire, patrono da educação brasileira, sob pena de R\$ 50 mil. Em meio a um cenário educacional inflamado, acredita Almada, o papel do professor continua o de debater, evidenciar o contexto histórico, sujeitos, instituições e impactos, doa a quem doer.



No chão

Tradicional instituição de Salvador, Fundação Dois de Julho não tem honrado compromissos trabalhistas e é suspeita de utilizar manobras obscuras para se manter em funcionamento; professores declararam greve

Foto Dimitri Argolo Cerqueira

Texto Adele Robichez

adele.robichez@radiometropole.com.br

Com o nome que remete à Independência do Brasil na Bahia, a Fundação Dois de Julho parece ter se declarado livre de qualquer obrigação trabalhista. Há mais de seis meses sem pagar os seus professores e funcionários, a instituição tem demitido colaboradores, isentando-se de cumprir direitos previstos em lei.

Sem nenhuma previsão de receber o que está assegurado, os colaboradores da Faculdade 2 de Julho, administrada pela fundação, decidiram, desde o dia 23 de novembro, entrar em greve. “Além dos salários atrasados, nunca foi depositado o FGTS. O INSS é recolhido, mas não é depositado, assim como as férias e o décimo terceiro”, expôs Karina Oliveira, professora de administração.

“Basicamente estamos pagando para trabalhar”, continua a docente, acrescentando que, durante a pandemia, os professores passaram a ministrar aulas de maneira online, utilizando a internet e a energia das suas próprias residências. “E isso vem de muito tempo. Antes era um a

dois meses. Agora já estamos entrando no sétimo mês sem salário”.

Durante a crise do coronavírus, muitos funcionários foram demitidos sem verbas rescisórias e as demais obrigações. É o caso de Álvaro Luis Gomes dos Santos, de 65 anos. Conhecido como “seu Álvaro”, trabalhou por 17 anos como encarregado da manutenção e limpeza da faculdade. Ele conta que foi demitido “de surpresa” no início da pandemia e não recebeu um centavo sequer. Depois disso, ingressou com uma ação na Justiça para conseguir os mais de R\$ 17 mil de salários atrasados, além do FGTS e férias pendentes. “Fizeram acordo e pagaram R\$ 500 mensais, uma mixaria”, diz.

“Na minha família está todo mundo sem emprego, a gente não encontra. Eu também não tenho. Com a minha idade não se acha mais nada. Meu irmão me dá uma ajuda com alimento. Tem uma colega que soube da minha situação e me deu uma cesta básica. Eu vivo assim, com R\$ 500 e o advogado ainda quer receber 30%. Vão me matar de fome”, protesta.

“A situação é caótica”, avalia o professor dos cursos de direito e administração, Efsen Lima. “As pessoas passam necessi-

dades, estão com os nomes negativados, sem ter condições de comprar alimentos... Isso tem afetado muito a saúde mental. Tenho colegas que chegam a chorar frequentemente, endividados”, relata. “Enquanto isso, a instituição faz ‘ouvido de mercador’: diz que não tem dinheiro e pronto”, completa Lima.

NEGOCIAÇÃO

O Sindicato dos Professores no Estado da Bahia (Sinpro-BA), que está fazendo a mediação da negociação entre a fundação e os docentes em greve, diz que, em um primeiro momento, a instituição foi resistente em negociar, mas depois se mostrou mais disponível, por meio de um Comitê de Gestão de Crise. O diretor da faculdade, Marcos Baruch, por outro lado, ainda é “um entrave”, segundo o coordenador do sindicato, Allysson Mustafa.

Conforme Mustafa, a fundação comunicou uma proposta preliminar que consiste basicamente no encerramento da greve dos docentes mediante a promessa de que, a partir de agora, 70% da receita da instituição sejam destinadas ao pagamento dos salários dos professores.

Os docentes, porém, entenderam a sugestão como “vazia”, pois é acompanhada de incertezas sobre como e quando o pagamento será realizado. O representante do sindicato apontou que há uma série de processos contra a faculdade. Entre os já transitados em julgado, há mais de R\$ 20 milhões em dívidas que, até hoje, não foram pagas, acumulando juros.

Diante da paralisação, os alunos também ficaram entre os prejudicados, sem aulas, e se decepcionaram com a instituição. “A nossa sensação é de revolta”, afirmou Bárbara Ramos, 51, estudante de direito. “Não nos foi passado nada do que estava ocorrendo. É má gestão e falta de transparência. Por isso, a gente reconhece a luta dos professores. É pela dignidade e também pelo nosso direito de educação de qualidade”.

“Não tenho nenhum problema com o diretor, mas se a administração está assim, que mude. É uma instituição histórica em Salvador e queremos que continue assim para recomendar aos nossos filhos e netos”, declarou o estudante José Antônio Bonfim, 39, também do curso de direito.

A partir do que foi deliberado em assembleia, os professores estão elaborando um questionário em parceria com o Ministério Público do Trabalho (MPT-BA). Eles também vão fazer uma denúncia no Ministério Público da Bahia (MP-BA) para que o órgão acompanhe mais atentamente as prestações de contas.

DENÚNCIA

Além disso, os docentes fizeram uma denúncia na semana passada à Ordem dos Advogados do Brasil seção Bahia (OAB-BA) sobre uma ilegalidade no corpo jurídico da fundação. De acordo com eles, o documento cita a advogada Maria Rapold, que estaria atuando como assessora jurídica da instituição, participando dos processos.

Ela está, contudo, desde 2018 suspensa pela OAB. Sendo assim, não poderia advogar e qualquer ato seu é nulo.

A suspensão é confirmada nos dados públicos fornecidos no Cadastro Nacional dos Advogados (CNA), do Conselho Federal da OAB. Procurado, o Tribunal de Ética e Disciplina (TED) da OAB informou que está

proibido, por lei federal, de se manifestar sobre processos disciplinares que estejam tramitando. A assessoria da Fundação 2 de Julho informou que “não poderá responder nada por enquanto” por conta das negociações com o sindicato. A advogada também não foi encontrada para comentar a suspensão no registro da OAB-BA.

6

a quantidade de meses que os professores estão sem receber salário na faculdade

EDUCAÇÃO



METROPÓLE

MARAVILHOSA FÁBRICA De Solidariedade

Panetone Santa Dulce. 25 anos fazendo o bem.

25 ANOS Fazendo o Bem

VENIDAS:
panetone@irmadulce.org.br
(71) 3616-1265 / 1271

APOIO:
METROPÓLE
RÁDIO - JORNAL - WEB

OBRAS SOCIAIS IRMÃ DULCE

Vergonha a céu aberto

Proibidos desde 2014, lixões continuam ativos na Chapada, causando doenças e danos ambientais

Texto Geovana Oliveira

geovana.oliveira@radiometropole.com.br

O município de Palmeiras, na Chapada Diamantina, é uma referência para o turismo ecológico. Sede do Parque Nacional, a pequena cidade no interior da Bahia tem o cenário marcado pelas casas antigas, o chão de paralelepípedos e, principalmente, o verde dos morros que a cercam. Em uma visão mais aproximada, no entanto, outro elemento se destaca: um lixão a céu aberto.

A menos de 50 metros das casas do Conjunto Habitacional, que os moradores chamam de “casinhas populares”, concentram-se todos os resíduos sólidos produzidos pela população de Palmeiras, incluindo o distrito do Vale do Capão. O lixo se espalha pelas estradas e chega a ficar no meio da passagem para a comunidade quilombola do Corcovado, além das comunidades de Capim e Juliano.

“Da minha casa para o lixo é cerca de 50 metros, e tem casas mais perto que a minha ainda. Muitas crianças já passaram mal, já foram parar na emergência por causa dos lixos”, conta Fabiana Cardoso Oliveira, de 36 anos. Fabiana, a mãe e a irmã possuem bronquite crônica, que é atacada a cada nova queimada no lixão — prática constante no local.

Crime ambiental permanente, a disposição de resíduos a céu aberto deveria ter sido extinta no Brasil desde 2014, conforme prevê a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), sancionada em 2010. No entan-

to, os prazos foram sendo prorrogados e, mais de uma década depois, os municípios brasileiros ainda mantêm os lixões.

Na Bahia, de acordo com levantamento da Confederação Nacional dos Municípios (CNM), em um universo de 379 cidades que responderam à pesquisa, apenas 53 implementaram os aterros sanitários. Destas, 326 ainda descartam os resíduos em lixões ou aterros controlados (lixões cobertos por camadas de terra).

O promotor de Justiça Augusto Cesar, da Promotoria regional ambiental da Chapada Diamantina, afirma que há uma preocupação especial do Ministério Público da Bahia com os municípios da área. Nenhum possui aterro sanitário e todos abrigam boa parte das reservas ambientais do estado. “Mucugê, Andaraí, Palmeiras e Piatã são os municípios em tese mais suscetíveis [a ajustes de conduta], pela proximidade com o Parque Nacional e os recursos hídricos”, diz.

No início de novembro, Cesar assinou um Termo de Ajuste de Conduta (TAC) com os gestores de Palmeiras. O município tem agora um prazo de quatro anos para promover a distribuição final adequada dos resíduos, o que inclui a implementação final do aterro sanitário licenciado, e pressupõe a realização de coleta seletiva, triagem de reciclados, compostagem e a remediação do lixão — tornar a área ambientalmente sustentável de novo.

A secretária de Meio Ambiente do município, Naiara Nascimento, conta que a

Palmeiras



foto do leitor/divulgação

Palmeiras



dimitri argolo cerqueira/metropress

laçu





licitação foi bem-sucedida e o projeto do novo aterro já vai sair em janeiro, seguindo os parâmetros ambientais.

Se tudo der certo, estima, o processo será finalizado em 2025. No momento, entretanto, a população ainda não se anima com a promessa. Vilma Novaes, 32, é presidente da Associação da Comunidade Quilombola de Corcovado e trabalha em Palmeiras durante a semana. Toda vez que precisa sair da “roça” para a cidade, ela atravessa uma estrada de lixo.

“A gente está correndo risco de pegar uma bactéria, uma doença, porque até os resíduos dos hospitais são jogados lá”, conta. Além do trânsito, quando dorme em Palmeiras, Vilma também sofre com as queimadas no lixão.

“Até pouco tempo, a gente quase morreu intoxicado. Chamou os bombeiros para vir apagar o fogo. Onde eu moro é um pouco próximo do lixão, e todos nós sofremos com as queimadas. Algumas crianças ficam com falta de ar, adoecidas”, conta.

Em outubro, a cidade da Chapada Diamantina foi tomada pela fumaça de um incêndio no lixão. O fogo foi iniciado à

noite, mas a fumaça ficou até a manhã. “O tempo todo tem fogo. A gente passa a noite toda em claro com inalador”, conta Fabiana Cardoso Oliveira.

Na comunidade, ambientalistas tentaram intervir. O Grupo Ambientalista de Palmeiras (GAP) e o Projeto Índio Gladiador organizaram, em julho deste ano, um abaixo assinado com 1,3 mil assinaturas para a retirada imediata do lixão. O movimento ‘Retirada do Lixão Já’ chegou a fazer uma manifestação em frente à Câmara dos Vereadores. “O lixão já é plotado em uma área onde não deveria ser, de passagem de água. Lá tinha uma minibarragem e o lixo se acumulava ali. Como choveu muito, rompeu, e todo o lixo foi para o rio”, conta Joás Brandão, presidente do GAP.

Personagem da conscientização ambiental, o Índio Gladiador anda por Palmeiras com uma roupa feita de 800 latinhas. O homem de lata é presença cativa nos eventos da cidade, como o Festival de Jazz do Capão. “Peguei as latinhas do rio e das coletas seletivas”, conta Ednaldo. “Agora nem preciso falar nada sobre o destino do lixo, só aparecer”.

dimitri argolo cerqueira/metropress

BAHIA



METROPOLE

Itaetê



Responsável Técnico:
Dra. Silvana Rocha
CROBA - 14011

CURSOS DE REFERÊNCIA
para você!

INSCRIÇÕES ABERTAS

srcursos.com.br
71 9 9684 - 9438



SR
CURSOS

Curso
VIP





O julgamento dos réus da boate Kiss: um retrato brasileiro

Malu Fontes

Jornalista, doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas, professora da Facom/UFBA e colaboradora da Rádio Metropole

Por muito tempo, no futuro, no jornalismo, na ficção e nos livros de história, serão ditas ainda muitas coisas sobre o ano de 2013 no Brasil. Nove anos depois, o ano ainda é algo nebuloso, turvo, caleidoscópico, uma espécie de primavera árabe à brasileira, meio disforme, sem contornos. Os protestos nas ruas, a erupção da polarização, os black blocs, os convites 'vem pra rua', as bandeiras difusas de um ativismo sem cara. Tudo era um anúncio incompreendido do que viria depois, esse caos de agora. Da tese que muitos adotaram na época, a de "o gigante acordou", chegamos àquela que hoje parece mais sensata e tradutora do presente aonde estamos: a montanha pariu um rato.

Uma das demonstrações de que esse país é um gigante que nunca acorda e parece condenado a permanecer adormecido em berços nada esplêndidos é o julgamento, iniciado nessa quarta-feira, dos réus acusados pela morte de 242 jovens e de tentativa de homicídio dos 636 feridos sobreviventes no incêndio da Boate Kiss, em Santa Maria, a cidade universitária, no Rio Grande do Sul, na madrugada do dia

27 de janeiro de 2013. Não pode ser considerado normal o fato de a responsabilidade por uma tragédia daquelas proporções levar quase uma década para chegar a julgamento.

Inicialmente, a polícia enviou ao Ministério Público a conclusão do inquérito apontando 16 responsáveis criminais pela tragédia e 28 acusados de responsabilidades menores, indiretas. Donos da boate, músicos e produtores da banda, prefeito, secretários municipais, Corpo de Bombeiros e membros do próprio MP, a quem caberia apresentar a denúncia. A acusação se ancora em elementos que leigos não conseguem compreender por que o Ministério Público não os vê, de tão óbvios e contundentes. Como poderia uma boate com capacidade para mil pessoas ter sido aberta e estar funcionando há quase quatro anos sem cumprir com todos os pré-requisitos técnicos, de segurança obrigatórios para que tivesse alvará?

FAMÍLIAS PROCESSADAS

O MP entrou em confronto não com as provas da Polícia, os depoi-

mentos das testemunhas e vítimas e reduziu a acusação a quatro réus, estes que agora serão julgados em Porto Alegre, bem distante de Santa Maria, um privilégio para os acusados, que tanto brigaram para não irem a júri, e, se fossem, que o julgamento ocorresse longe dali, para que a comoção popular não prejudicasse ainda mais, interferindo na emoção e comoção dos sete jurados.

Pior: membros do MP acusaram formalmente, processando-os, familiares de jovens mortos, a quem rebatem, dizendo-se vítimas de calúnia e difamação. E ainda pior: grupos de comerciantes da cidade rechaçam as famílias, por insistirem durante esses anos todos em fazer justiça pela morte de seus filhos e lesões irreversíveis nos sobreviventes. Para os comerciantes, a luta por justiça atrapalha a imagem da cidade, atrapalha as relações comerciais e a vinda de estudantes de outros pontos do estado e do país para estudar em Santa Maria. O julgamento deve ser um dos mais longos do país e o mais longo do Rio Grande do Sul.



Querem derrubar a CPI da Coelba



A CPI da Coelba na Assembleia Legislativa da Bahia (Alba) pode ser enterrada antes mesmo de começar. Segundo a coluna apurou, deputados da oposição e do governo já articulam uma forma de adiar ao máximo o início dos trabalhos. A avaliação é a seguinte: para o bem ou para o mal, a instalação da comissão e seus possíveis desdobramentos gerarão desgaste à imagem da Casa justo às vésperas de um ano eleitoral. Desde que a apuração parlamentar fora avalizada juridicamente, há cerca de uma semana, líderes partidários passaram a administrar um impasse em torno da formação da comissão. Posto reivindicado pelo deputado Tum (PSC), autor do pedido de CPI, a relatoria virou alvo de um cabo de guerra entre 12 indicados para o grupo. Um outro sinal de que a comissão pode ser esvaziada é o fato de que as sessões hoje só podem ocorrer de forma mista (presencial e virtual), o que inviabilizaria oitivas de testemunhas em plenário.

Deposto do Bahia, Marcelo Filho gruda em ACM Neto

Presidente do Esporte Clube Bahia deposto em uma intervenção judicial, em julho de 2013, Marcelo Guimarães Filho tem declarado apoio à candidatura de ACM Neto (DEM) ao Palácio de Ondina. Nesta quinta-feira, a propósito, o ex-prefeito de Salvador lança oficialmente seu nome para a disputa em um evento no Centro de Convenções, na Boca do Rio. Em suas redes sociais, Marcelo Filho postou um card no qual aparece atrás de ACM Neto, com o slogan “A Bahia pode mais”, mote da pré-campanha do democrata. O pai de Marcelo Filho, Marcelo Guimarães, foi figura próxima do ex-senador e ex-governador Antonio Carlos Magalhães (1927-2007), quando foi eleito deputado federal na chapa carlista. Nas últimas eleições presidenciais, em 2018, pai e filho declararam apoio ao presidente Jair Bolsonaro (PL), mas não obtiveram cargos no governo. Deputado federal por dois mandatos (2003 a 2007 e 2007 a 2011), há dez anos, Marcelo Filho não consegue se eleger a cargos públicos.



Farra dos gastos públicos

E, por falar em Assembleia Legislativa, os 63 deputados desembolsaram R\$ 1.991.000,70 com despesas de seus mandatos no mês de outubro. O montante é resultado de um levantamento feito pela coluna na seção de prestação de contas no site da Casa. Os gastos envolvem notas fiscais de combustíveis, hospedagem, alimentação, consultorias, despesas com locomoção à divulgação da atividade parlamentar. Tudo com direito à reembolso. Em comparação com a Assembleia Legislativa de São Paulo (Alesp), a Alba gasta R\$ 21.563,098 a mais. A diferença? A Alesp tem 94 deputados estaduais, enquanto a Alba tem 63.

Composição do PL na Bahia

A possível filiação de João Roma ao PL tornará automático o apoio da executiva estadual à sua eventual postulação ao governo da Bahia em 2022. A avaliação é feita internamente por integrantes do partido, presidido na Bahia por José Carlos Araújo. Nos bastidores, a expectativa é a de que o ministro da Cidadania siga os passos do presidente Jair Bolsonaro, que selou na terça-feira o ingresso na sigla comandada por Valdemar Costa Neto. Um eventual desembarque de Roma do Republicanos deve ocorrer sobretudo pelo fato de o presidente estadual da sigla, deputado federal Márcio Marinho, optar pelo nome de ACM Neto na corrida estadual. Por aqui, Roma precisará suar para desbancar dois nomes fortes: ACM Neto (DEM) e Wagner (PT).



Roma puxa saco de Queiroga

O ministro da Cidadania, João Roma, rasgou elogios ao seu colega Marcelo Queiroga, ministro da Saúde, em evento na última segunda-feira, em Salvador. Ambos ocupam cargos de primeiro escalão no governo Bolsonaro. “É o vacinador-geral da República”, disse Roma, em um trocadilho com procurador-geral da República, cargo ocupado pelo baiano Augusto Aras. O afago se deu durante o evento no Hospital Martagão Gesteira, onde Queiroga assinou contrato com a Pfizer para a aquisição de 100 milhões de doses do imunizante nos próximos três meses. Apesar da bajulação de Roma, Queiroga é visto no meio médico como alguém dado arroubos, a exemplo da ocasião em que mostrou o dedo do meio a manifestantes em Nova Iorque. Na CPI da Covid, no Senado, foi ouvido duas vezes para esclarecer as razões de o Brasil ter demorado a fechar acordos para iniciar a vacinação no país. Mais tergiversou do que deu explicações.

O samba (e o dia) nasceram foi na Bahia

Ritmo mais característico do país é celebrado em 2 de dezembro; embora a história tenha diferentes versões, a Bahia é decisiva em todas elas

Texto **James Martins**
redacao@metro1.com.br

Hoje é (além do aniversário de Deoscoredes Maximiliano dos Santos, o Mestre Didi, que faria 104 anos) o Dia do Samba. A data escolhida para celebrar o ritmo que é a voz da alma nacional foi marcada por um evento aparentemente trivial, mas de grande força simbólica: a primeira visita de Ary Barroso à Bahia, nos anos 1940.

Curiosamente, o compositor mineiro que em 1938 lançou “Na Baixa do Sapateiro”, onde chora saudades da terrinha (“Ô Bahia, Bahia que não me sai do pensamento...”), na verdade nunca tinha vindo aqui. Como parte das celebrações e homenagens ao visitante ilustre, a Câmara de Vereadores de Salvador teria instituído aquele como o dia do samba.

No entanto, há quem conteste essa versão. Invertendo a direção da viagem. Segundo o compositor e pesquisador Nei Lopes, a data evoca o dia em que o baiano Édison Carneiro, ao final do 1º Congresso Nacional do Samba, no Rio, em 1962, foi incumbido de redigir a Carta do Samba, um documento preservacionista dos fundamentos do

gênero e que foi publicado pelo antigo MEC através da Campanha de Defesa do Folclore. Digo invertendo porque, embora mineiro, Ary Barroso veio do Rio para a Bahia, evidentemente, carioca convertido que era.

Fato é que, desde 1964 a data foi oficializada em âmbito estadual, do lado do Rio de Janeiro, e depois ganhou foro nacional, sendo comemorada em todo o Brasil.

Este ano, ainda devido à pandemia, não haverá festa em Salvador. Mas, em anos anteriores, o Dia do Samba já nos rendeu encontros memoráveis, como o de Paulinho da Viola e João Bosco junto aos bambas locais, como Gal do Beco e Edil Pacheco, no Terreiro de Jesus — este, por sinal, o título de uma música linda feita para lembrar a farra: “Dia dois / Dois de dezembro / Eu vou pra Bahia sambar / Eu vou pra lá”.

A brincadeira de Boscão, aliás outro mineiro-carioca, com Dorival Caymmi, nos remete de volta, nesta grande trama em torno ao Dia do Samba, a Ary Barroso, com quem o grande mestre baiano gravou um disco, mas com quem também,

dizem, tinha suas rusgas. Isso porquê, em sua chegada ao Rio em busca de sucesso, Caymmi lançou-se com “O Que é Que a Baiana Tem?”, substituindo, na voz de Carmen Miranda, no filme “Banana da Terra”, canções do já consagrado Ary.

O que importa é que o fluxo da maré que banha Bahia (o nascedouro) e Rio (a incubadora) é que fixou a data que hoje serve para homenagear o ritmo em todo o país. E que, na receita, as etiquetas “baianos e cariocas” (principalmente cariocas) incluem personalidades das mais diversas, mesmo no tocante ao nascimento, isto é, mineiros, paulistas, cearenses etc.

Presidente do Alerta Geral, um dos mais tradicionais blocos de samba do carnaval de Salvador, Zé Arerê considera o dia 2, em tempos normais, uma espécie de abertura do verão e, mesmo, prévia da folia momesca. “O Dia do Samba esquenta tudo”, diz ele, que promove a Caminhada do Samba, no Campo Grande. Mas que este ano não acontece. Na Cantina da Lua, no Pelourinho, sim, vai ter samba.

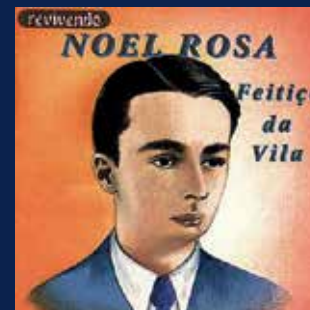




Em uma entrevista a Paulo Mendes Campos, em 1954, Ary Barroso listou os 10 maiores sambas de todos os tempos, em sua opinião. São eles:

“Gosto Que Me Enrosco” (Sinhô)

“Ai, Que Saudades da Amélia” (Ataulfo Alves e Mário Lago)



“Feitiço da Vila” (Noel Rosa e Vadico)

“Favela” (Heckel Tavares e Joracy Camargo)

“Ai, Ioiô” (Luiz Peixoto, Henrique Vogeler e Marques Porto)

“Nervos de Aço” (Lupicínio Rodrigues)

“Agora é Cinza” (Bide e Marçal)

“Se Você Jurar” (Ismael Silva, Nilton Bastos e Francisco Alves)



“A Fonte Secou” (Monsueto)

“Deixa Essa Mulher Chorar” (Brancura)

Chamou atenção a ausência de Caymmi. Mas, reparando bem, também não há nenhum samba do próprio Ary, aquele que já amava a Bahia e, por extensão, o próprio Dorival, mesmo antes de conhecê-los. E ainda faltam Assis Valente, Batatinha, Riachão, Nelson Rufino...

ENTREVISTA

Maria Marighella

VEREADORA DE SALVADOR (PT)



“Nós precisamos colocar o debate da memória no centro do debate da democracia”, diz Maria Marighella (PT) sobre o filme que conta a história de seu avô, o guerrilheiro Carlos Marighella. A atriz e vereadora de Salvador comentou o longa, dirigido por Wagner Moura, lançado no último mês, em entrevista a Mário Kertész, na Rádio Metropole.

Na obra, o guerrilheiro é lembrado como uma das principais figuras da luta armada contra a Ditadura Militar, até ser brutalmente assassinado, em 1969.

Embora entusiasmada com o filme, Maria Marighella entende que, ainda hoje, o campo democrático brasileiro não trata os anos de chumbo do Regime com a necessária profundidade.

“Essas palavras das pessoas falando de comunismo, AI-5, demonstram profundo desconhecimento da história. E esse desconhecimento é proposital, programado, integra uma política. Por isso o direito à memória precisa e reivindica políticas”, diz a vereadora que se coloca como guardiã dessa memória.

“Eu tenho muitas responsabilidades. Nasci em 1976, e nasci na Ditadura. Então, meu pai Carlinhos preso, minha vó Clara, companheira de Marighella, exilada em Cuba. E eu tenho insistido em dizer: minhas primeiras palavras foram ‘anistia’, ‘traslado de restos mortais’, depois ‘Diretas Já’. Palavras que integraram o repertório da minha primeira infância, uma infância, uma vida, absolutamente atravessada com os principais episódios políticos daqueles anos entre 70 e 80. E isso me dá extrema responsabilidade, inclusive a responsabilidade de ser guardiã dessa memória. Mas entendendo que é o estado brasileiro, os poderes públicos, que precisam criar políticas para essa memória”.

CULTURA E POLÍTICA

Maria Marighella conta que decidiu se envolver diretamente com a política após o impeachment da ex-presidente Dilma (PT). Eleita vereadora de Salvador em 2020 pelo Partido dos Trabalhadores (PT), ela defende uma agenda cultural. “Eu venho dessa tradição da cultura que reivindica espaço na política”, afirma.

Com as discussões sobre Carnaval na capital baiana, Maria comentou ainda sobre a necessidade de um debate acerca do formato da festa em Salvador.

“O carnaval de Salvador tem sido pensado nos gabinetes da gestão, organizado pelos empresários com os poderes públicos. Nós temos uma crise sanitária, estamos atravessados por um conjunto de crises, e nós tínhamos agora uma responsabilidade de pensar o carnaval”, diz a vereadora.

ENTREVISTA



METROPOLE

☆ 1948
✚ 2021

OBITUÁRIO



METROPOLE

Que homem foi esse? Você precisa saber

Paulinho Camafeu morreu aos 73 anos. Gigantes da música brasileira reverenciam seu movimento de reafricanizar o carnaval da Bahia

Texto André Uzêda

andre.uzeda@radiometropole.com.br

Paulinho Camafeu, morto na última segunda-feira, abre e fecha esta edição do Jornal da Metropole. No desembulho deste exemplar, o poeta James Martins ressalta o pioneirismo inerente ao compositor, manifesto em tantas ocasiões durante sua versátil carreira.

Aqui, neste desenlace, cabe tentar compreender o tamanho desta existência, subvertendo justo um de seus versos mais célebres: 'Que homem foi esse?'

Gilberto Gil sintetiza. "Uma pessoa doce, gentil, um talento daqueles que brotam nas ruas de Salvador. Um belo percussionista com toda uma impregnação profunda da africanidade, da baianidade. Me habituei a chamá-lo de menino. Então é um menino que se vai depois de

uma vida muito bonita. Fica uma saudade enorme", diz o imortal da Academia Brasileira de Letras, tendo gravado Camafeu no disco 'Refavela', em 1977.

Caetano endossa com um marco temporal. "Como já disse de público uma vez, o autor de 'Que bloco é esse?' abriu uma nova era na Cidade do Salvador — e iluminou o Brasil. Anunciou o Ilê Aiyê, que anunciava a amplificação da cultura popular baiana. O gesto de a Bahia autodeclarar-se negra pelos versos de Paulinho — nunca esqueceremos, nunca poderemos esquecer esse fato".

Amigo próximo, o agitador cultural Geraldo Badá enxerga nas muitas criações de Camafeu uma essência comparilhada: o movimento de reafricanizar o

carnaval soteropolitano, dialogando com organizações negras pré-Ilê, como os 'Cavaleiros de Bagdá' ou a origem estivadora dos 'Filhos de Gandhi'.

"Paulinho tem uma origem ligada à música afro-baiana. Trazia aquilo dentro dele em cada composição que escrevia. A Axé Music só fez sucesso porque Paulinho estava ali naquele momento de construção, amarrando a música afro-baiana naquele processo que seria um sucesso comercial. Por isso que decolou".

Com tantas contribuições, Paulinho Camafeu não será esquecido. No verso final de 'Fricote', ele antecipou a dupla manobra desejada.

Enquanto segue na boca (do povo), se encaminha para a porta do céu.

POR QUE ELA TEM QUE MORRER SE TERMINAR O NAMORO?

21

DIAS DE
ATIVISMO
PELO
FIM DA
VIOLÊNCIA
CONTRA AS
MULHERES.

POR QUE NÃO MUDAR HOJE?
TOME UMA ATITUDE
CONTRA O MACHISMO.

Por que tantas mulheres são assassinadas por ex-companheiros que não aceitam o fim do relacionamento? E por que elas têm que enfrentar diariamente o assédio, a violência psicológica e outros tipos de agressão, seja em casa, nas ruas ou no trabalho? Você consegue explicar? Você consegue entender? Combater essa tragédia e mudar essa realidade é um desafio de todos. **Entre na luta contra o machismo hoje.**



(71) 3117-2815


**GOVERNO
DO ESTADO**